

PROJETO

EMBARCA MARAJÓ

Navegando na maré da sustentabilidade

EDIÇÃO I - 2015

Redação: Carlos Eduardo Vilaça.

Edição e revisão: Ascom IEB - Belém
(Lucas Filho e Juliana Lima).

Projeto Gráfico e diagramação:
Libra Design.



FOTO: AKEVO IEB/JULIANA LIMA

Pôr-do sol no Rio Pará, no município de Breves (PA).

Muito além de um belo cartão postal

*As peculiaridades de seu povo
e geografia tornam o Marajó
um território único, que carece
de um olhar político e social
diferenciado.*

Durante a viagem rumo a Breves a bordo do catamarã, uma cena se tornava cada vez mais comum à medida que ultrapassávamos os pequenos portos improvisados de alguns dos municípios do território marajoara: crianças - de no máximo cinco anos de idade - corriam e brincavam despreocupadamente por cima de pontes de madeira ou simplesmente olhavam a movimentação das embarcações que compunham a paisagem, sentados à beira das palafitas, balançando as pernas sob o rio. Tudo sem a supervisão de adultos. “Eles são acostumados. Para eles ou para os pais, isso não é perigoso. É normal”, disse um dos tripulantes do catamarã, em resposta à pergunta silenciosa dos passageiros, estampada em suas feições de surpresa e curiosidade.

Dessa forma, um tanto simples e até mesmo ingênua, foi possível começar a ter contato com a realidade que cerca o Marajó, um território que, por trás de suas belezas naturais reconhecidas internacionalmente, carrega inúmeras peculiaridades, características próprias que vão da geografia à cultura, e que devem ser levadas em consideração quando se fala em lutar por uma melhor qualidade de vida para o seu povo. Povo este que, orgulhoso



REALIZAÇÃO



PARCERIA



APOIO FINANCEIRO



APOIO





“O objetivo da Caixa na região é não se restringir ao atendimento, mas fazer parte de um projeto de desenvolvimento para melhorar a qualidade de vida”.

Representante do Fundo Socioambiental da Caixa, Alice Acioli.



“ Nós não temos hoje uma educação voltada para a realidade do Marajó, do campo especialmente. É preciso qualificação diferenciada, cursos preparatórios, que nos deem as ferramentas para desenvolver a região.”

Presidente do Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Portel, Gracionice Costa.



“ Os costumes, o artesanato, a pesca, extrativismo são os nossos diferenciais. E é por isso que estamos na luta, para garantir que cheguem até aqui as políticas públicas que possam não só garantir a cidadania para o marajoara, mas também preservar a sua identidade.”

Representante do Colegiado de Desenvolvimento Territorial do Marajó (Codetem), Assunção Novaes (Cacau).

de suas raízes, é também consciente das suas necessidades, advindas de anos de descaso em relação a políticas públicas, que lhe imputaram o uso de uma espécie de manto da invisibilidade, na opinião de Assunção Novaes, o Cacau, 44, pescador artesanal nascido em Curralinho e um dos mais atuantes defensores da região à frente do Colegiado de Desenvolvimento Territorial do Marajó (CODETEM).

“Aqui tu tens uma diversidade que conta uma história fantástica, tanto de povo quanto de produção. Os costumes, o artesanato, a pesca, extrativismo... Isso deixa a gente orgulhoso, não existe algo assim em canto nenhum. É o nosso diferencial e é por isso que estamos na luta para garantir que cheguem até aqui as políticas públicas que possam não só garantir a cidadania para o marajoara, mas também preservar a sua identidade”, diz Cacau, que ressalta ainda que para ver e cuidar do Marajó de fato é preciso abstrair a imagem folclórica e de mero cartão-postal exaltada pela mídia. “Existe um povo invisível que vive na floresta, na beira dos rios. As pessoas veem a região como um celeiro para passear apenas, ir às praias e aos melhores hotéis. Agora vai ver a condição de um hospital, uma delegacia, uma colônia de pescadores... Essa falsa imagem, a falsa propaganda, é um complicador”, argumenta.

Valorizar as suas particularidades e, ao mesmo tempo, desenvolver o território. Esse é realmente o ponto

central do discurso de cada marajoara consciente do seu papel neste processo. “Para entender o Marajó, você tem que entender de sociologia, antropologia... Tem todo um contexto histórico importante na formação cultural e territorial do Marajó. E isso não é valorizado ou divulgado. Nós só vemos exposto o lado folclórico ou marginal do Marajó, sem focar nas questões estruturais”, comenta Pedro Barbosa, 61, atual secretário-executivo da Associação dos Municípios do Arquipélago do Marajó (Amam), que há anos, baseado na sua origem ribeirinha, encampa a luta por um olhar diferenciado para a região.

“As políticas públicas têm que ser pensadas pelo e para o marajoara. Nós somos diferentes mesmo. O que não pode é sermos tratados com desigualdade”, afirma Pedro, que reforça esse sentimento de identidade regional na luta pelos direitos do território. “Saúde? Sim, queremos, mas é de uma forma diferenciada. Transporte escolar? Claro, mas também é diferenciado. Então, não é uma simples luta municipalista, é uma luta própria, marajoara, pois o Marajó é diferente”, completa.

O pensamento de Pedro é compartilhado por Gracionice Costa, presidente do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Portel e vice coordenadora regional da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Pará (Fetagri/PA). “Nós não temos hoje uma

educação voltada para a realidade do Marajó, do campo especialmente. É preciso qualificação diferenciada, cursos preparatórios, que nos deem as ferramentas para desenvolver a região, mantendo a nossa identidade, que tenha em vista as nossas necessidades”, afirma ela, que também analisa os entraves para que isso ocorra de maneira apropriada. “Nós temos uma deficiência na parte de assistência técnica, seja material humano ou logística. Até porque o custo é bem mais alto. Tudo no Marajó é feito de barco. Quando tem barco, não tem combustível e vice-versa. A infraestrutura é muito precária”, explica.

Nessa linha, Cacau credita as reclamações como as de Gracionice ao que ele denomina ‘custo amazônico’ e observa que a partir daí é gerada a consequente ineficácia de relatórios sobre a produção da região. “É complicado um olhar político mais apurado sobre o território pelo seguinte: o alto valor e o baixo retorno imediato. O Marajó tem cerca de 500 mil habitantes e uns 300 mil votos, creio. Vale a pena investir, dedicar tempo? Com dez litros de gasolina, por exemplo, um político roda três municípios da Região Metropolitana de Belém, mas não faz três curvas no rio”, pondera, explicando como isso assume um caráter essencial na estrutura de desenvolvimento dos municípios. “Nós temos uma grande diversidade de produção, mas, se olhares nas estatísticas do IBGE, isso não aparece. Não aparece farinha,

FOTO: ACERVO IEB / ANDRÉ MARDOCK



madeira, açaí, artesanato... Tudo isso é quantificado em outros portos e assim nós vamos para ‘o porão do navio’ nos relatórios”, afirma.

Em todas as conversas com os marajoaras, fica claro que a consciência crítica sobre os problemas que atravessam de forma alguma anula ou minimiza o orgulho que sentem por ser quem são e morar na região. Raimunda Rodrigues, 64, por exemplo, moradora de Breves, nasceu no interior do município e veio para a cidade há 35 anos. A despeito das dificuldades e limitações, ela reitera a cada minuto seu amor pelo território. “Aqui é bom, temos muitas coisas boas, o açaí, o nosso povo, nossa cultura. Gosto muito mesmo. Tenho minha casinha na cidade, mas também nunca desprezo o interior. É de onde eu sou, né? Sei que pode melhorar bastante, mas não tem como não se sentir orgulhosa das minhas raízes”, afirma, no que é complementada por Cacau: “Nós não somos coitadinhos. Temos uma riqueza imensa e precisamos ter consciência disso”.

Um processo gradual de mudança

É consenso entre todos os que vivem a realidade do Marajó que as tentativas de atenuar e até mesmo superar os desafios enfrentados cotidianamente pelos marajoaras só serão frutíferas com união e parceria entre todos os

protagonistas sociais da região. Assim, gestores públicos, organizações da sociedade civil, instituições que atuam no arquipélago e a própria comunidade têm cada um a sua responsabilidade no processo de mudança almejado. Portanto, a presença de vários projetos socioeconômicos e ambientais, que visam, acima de tudo, tornar o marajoara apto a exercer sua luta, é fundamental nesse contexto.

Um dos mais recentes exemplos nessa seara é o ‘Embarca Marajó: navegando na maré da sustentabilidade’. O projeto é uma realização do Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB), Instituto Peabiru e Instituto Vitória Régia (IVR), com apoio do Fundo Socioambiental da Caixa Econômica Federal e em parceria com Amam e Codetem e tem como norte, por meio de ações socioeconômicas e ambientais, exatamente o desenvolvimento local sustentável do território marajoara, integrado a políticas públicas, especialmente nos municípios onde trafega a Agência-Barco da Caixa.

Para Maura Moraes, coordenadora de projetos do IEB, entidade que atua na região desde 2009, a dinâmica de desenvolvimento na Amazônia, historicamente, é de exploração dos recursos naturais, sem que isso consiga se converter em um modelo que garanta

Paisagem ribeirinha no arquipélago do Marajó.

direitos ao cidadão, uma situação que no Marajó ganha cores ainda mais carregadas. “O nosso trabalho parte da premissa de que há um conjunto de problemas sociais, ambientais e fundiários, e a superação disso passa fundamentalmente pelo fortalecimento das organizações, das pessoas que vivem aqui, que são protagonistas da mudança da realidade”, diz ela, ressaltando que a qualificação dos marajoaras, para que eles possam ter uma visão crítica sobre os problemas que os afligem, é a grande missão a se desempenhar.

Segundo Maura, a abrangência e a visão a longo prazo são diferenciais para este novo projeto, ‘Embarca Marajó’, já que o trabalho irá compreender dez localidades que estão na área de atuação da Agência-Barco da Caixa. São eles: Breves, Melgaço, Portel, Bagre, Curralinho, São Sebastião da Boa Vista, Muaná, Ponta de Pedras, Salvaterra e Soure. Trata-se de um avanço, pois, antes disso, em 2013, o IEB já havia lançado outro projeto na região onde seis municípios do território foram contemplados. O projeto em

CONTINUA ►►

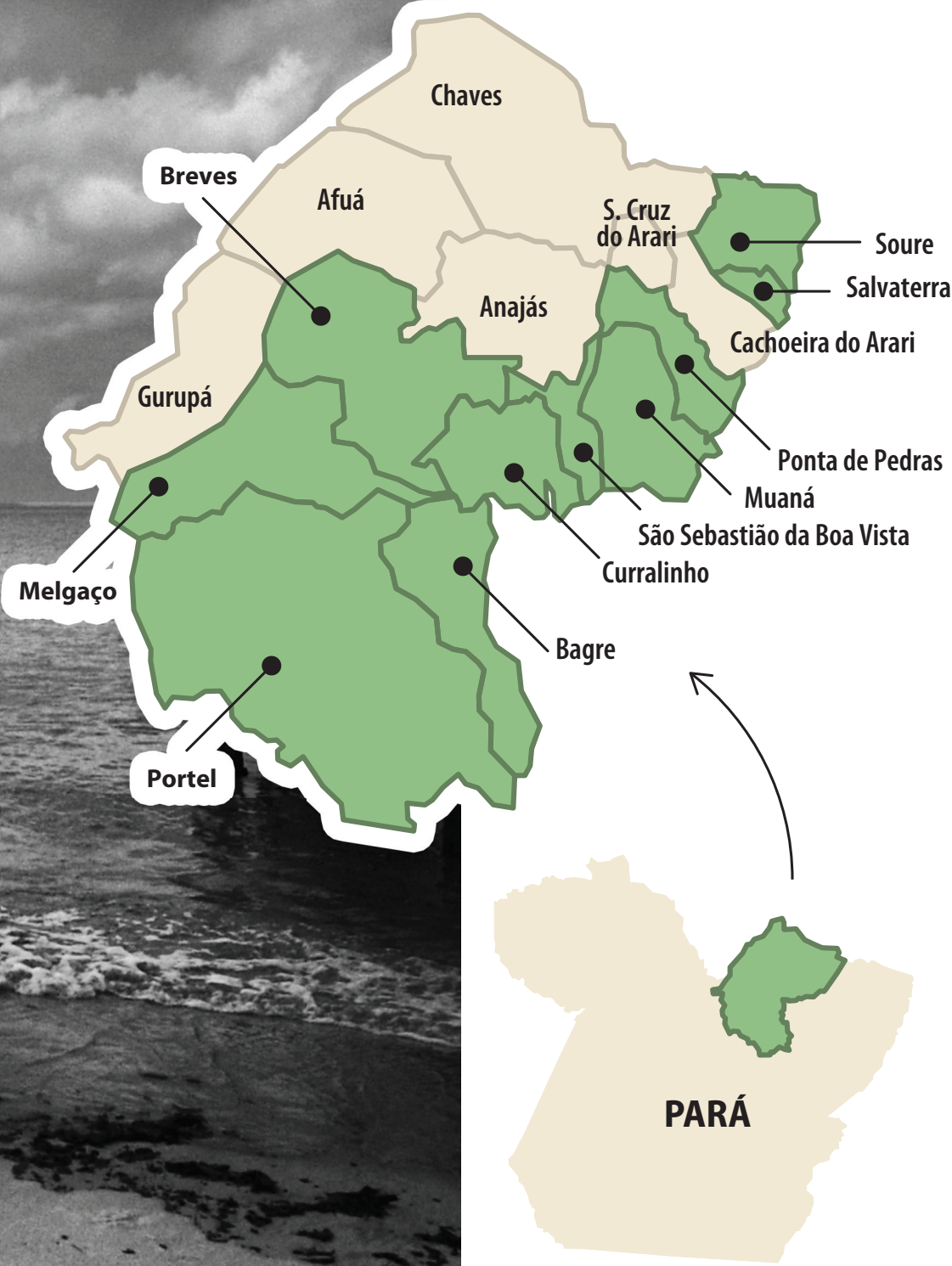


PROJETO

EMBARCA MARAJÓ

Navegando na maré da sustentabilidade

MUNICÍPIOS ATENDIDOS PELO PROJETO



Projeto ‘Embarca Marajó’ é lançado em Breves

Evento contou com a presença de 80 participantes entre gestores públicos, instituições não-governamentais e entidades da sociedade civil.

Na tarde da última terça-feira (24/02), no auditório do Centro de Desenvolvimento e Educação Profissional (Cedep) do município de Breves, foi lançado o projeto ‘Embarca Marajó: navegando na maré da sustentabilidade’, uma realização do Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB), Instituto Peabiru e Instituto Vitória Régia, com apoio do Fundo Socioambiental da Caixa Econômica Federal, e em parceria com a Associação dos Municípios do Arquipélago do Marajó (Amam) e o Colegiado de Desenvolvimento Territorial do Marajó (Codetem).

A mesa de abertura do evento de lançamento foi composta pelo prefeito de Breves, Xarão Leão; a presidente da Amam, Consuelo Castro; o gerente da Caixa Econômica de Breves, João Pascoal; Alice Acioli, representante do Fundo Socioambiental da Caixa; Assunção ‘Cacau’ Novaes, coordenador do Codetem; Maura Moraes, coordenadora de projetos do IEB; Alex Keuffer, diretor-presidente do Instituto Vitória Régia; Manuel Potiguar, gerente de projetos do Instituto Peabiru; Gracionice Costa, presidente do Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR) e representante do comitê de articulação do ‘Embarca Marajó’.

O Projeto

Coube a Rai Rodrigues, coordenadora de projetos do IEB, instituição oficialmente responsável pela execução do ‘Embarca Marajó’, explicar à plateia, formada por prefeitos e representantes dos municípios do território marajoara, órgãos governamentais e não governamentais, além de representantes da sociedade civil, no que, de fato, consiste o pro-

jeto, que tem duração de dois anos. ‘O objetivo geral é implementar ações socioeconômicas e ambientais visando o desenvolvimento local integrado a políticas públicas, principalmente por onde trafega a Agência-Barco da Caixa’, salientou Rai, lembrando que foi a partir do programa do Fundo Socioambiental da Caixa que se deu a união das instituições em torno do projeto. ‘Todos são importantes atores do contexto marajoara. Temos que pensar seguindo essa lógica, a partir do olhar local e das especificidades do território. O projeto não é o salvador da pátria, ele vem para somar, fazer parte de um processo que está sendo construído ao longo dos anos em torno do desenvolvimento territorial do Marajó’, disse ela.

Fazem parte das ações do projeto assessorias técnicas em várias áreas e ações como a implementação de dois bancos comunitários, o acesso ao acervo de produtos culturais, a realização de mostra de cinema em cinco município, o fortalecimento da governança local e de organizações comunitárias. Tudo isso para atingir as seguintes metas: valorização e disseminação da cultura marajoara, a difusão de práticas e princípios da economia solidária para fortalecer os empreendimentos na região, capacitação em gestão territorial das organizações, e divulgação de práticas sustentáveis, incentivando o aumento da produtividade e conservação dos recursos naturais.

Rai finalizou sua apresentação destacando que o projeto terá que ser acompanhado de forma sistemática e avaliado por uma representação de entidades, com reuniões periódicas de um comitê articulador. ‘É preciso uma avaliação processual dos impactos das ações, identificar avanços... Tudo feito

de forma conjunta, para que possamos alcançar os resultados e, quem sabe, dar continuidade ao Embarca Marajó’.

Considerações

As considerações sobre o projeto, tanto na visão das instituições como dos gestores e associações, seguiram na linha de como esse trabalho atuará no processo de desenvolvimento dos municípios da região, seja no que diz respeito à formação de lideranças ou ao fortalecimento organizacional, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida das famílias ribeirinhas.

Agência-Barco Ilha do Marajó ancorado na sede do município de Breves (PA).



“O projeto não é o salvador da pátria, ele vem para somar, fazer parte de um processo que está sendo construído ao longo dos anos em torno do desenvolvimento.”

Coordenadora de projetos do IEB, Raimunda Rodrigues.



“O Marajó tem problemas sérios, de logística, infraestrutura... E o estado não tem condições de prover isso da forma que o território merece.”

Diretor-presidente do Instituto Vitória Régia, Alex Keuffer.



“É preciso um comprometimento com o território, com a sua sustentabilidade, não só do ponto de vista ambiental, mas econômico e social.”

Gerente de projetos do Instituto Peabiru, Manuel Potiguar.

várias áreas do conhecimento: cultural, de cidadania, ambiental, econômica... Então ele teve que ser pensado, construído, de forma participativa. E, nesse aspecto, foi pedagogicamente bem preparado. A educação perpassa todo o projeto, do início ao fim. É não tem outro caminho para superar esses desafios. É um processo extenuante, mas é assim que dá certo’.

A representante do Fundo Socioambiental Caixa, Alice Acioli, mostrou confiança nos resultados satisfatórios em relação ao projeto e destacou também a importância do envolvimento do órgão com a região, indo além dos serviços bancários oferecidos nos municípios por onde trafega a Agência-Barco. ‘O objetivo da Caixa na região é não se restringir ao

atendimento, mas fazer parte de um projeto de desenvolvimento para melhorar a qualidade de vida. Então, há mais de um ano nós passamos por várias etapas, reuniões, ouvimos demandas locais, tudo para o projeto ser efetivado. Temos que ter consciência de que só com a participação de todos, ele dará os resultados esperados’.

A confiança quanto ao sucesso do projeto foi expressa na fala de Assunção Novais, o Cacau, coordenador do Codetem, para quem o fundamental a se observar é que o ‘Embarca Marajó’ leva em consideração a realidade do povo marajoara. ‘Nós acreditamos muito nesse projeto, nessa parceria. Porque os responsáveis vieram conhecer a comunidade. Não é um projeto que caiu de paraquedas aqui. Está ouvindo as demandas de quem realmente mora no Marajó’, disse ele, em opinião compartilhada por Consuelo Castro, presidente da Amam. ‘O povo marajoara tem que ser ouvido para que ele possa abraçar qualquer projeto. Tem que ter esse olhar cultural, de como o marajoara vive e se relaciona’, argumentou.

Encerramento

Ao final do evento, o público foi convidado para uma visita a bordo da Agência-Barco da Caixa, onde foi servido um coquetel. De lá, a programação ganhou um caráter cultural, na praça Matriz de Breves, com a apresentação de três grupos locais: o carimbó das idosas do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos; as danças regionais do Instituto de Belas Artes do Marajó; e a performance de libras (linguagem de sinais) do grupo Mãos de Ouro. Essa programação foi uma promoção da Secretaria Municipal do Trabalho e Assistência Social de Breves. ■



FOTO: IVR

“...Temos que ter alternativas diferenciadas, sustentáveis, para dar a este povo um merecido projeto de desenvolvimento que traga trabalho e renda às nossas populações.”

Presidente da Associação dos Municípios do Arquipélago do Marajó (Amam), Consuelo Castro.



questão foi o “Fortalecimento da Gestão dos Recursos Naturais no Marajó”, com apoio do Fundo Vale, que atuou no fortalecimento da governança florestal e das unidades de conservação da região, além de formar lideranças agroextrativistas.

O Desenvolvimento por meio de Parcerias

Ao lado do IEB, os institutos Peabiru e Vitória Régia, executores do ‘Embarca Marajó’, também atuam na região há um bom tempo com diversos projetos junto às comunidades locais e essa experiência, essa somatória de forças, de acordo com Alex Keuffer, diretor-presidente do IVR, é essencial neste processo de melhoria da qualidade de vida da população. “O Marajó tem problemas sérios, de logística, infraestrutura... E o estado não tem condições de prover isso da forma que o território merece. Dessa forma, existem várias ações pulverizadas que têm ajudado a dinamizar essa equação e o papel das organizações é preponderante para ajudar a discutir e tentar resolver os problemas”, comenta.

Manuel Potiguar, gerente de projetos do Peabiru, também entende que a atuação das organizações deve ser exatamente essa, como facilitadores, para ajudar os marajoaras a tomar as rédeas do processo e explorar as suas próprias potencialidades. “Tem um chavão que é inevitável: a gente não fala de Marajó, fala de ‘Marajós’, um território com diversas realidades, de campo, de floresta, de ilha, de continente... Mas tem o Marajó como um

todo, que é excluído das políticas públicas, do sistema econômico global. E é nesse contexto que nós atuamos com diversos projetos, intermediando debates, colocando gestores e população para conversar, oferecendo a nossa expertise em várias frentes”, explica.

O IEB, cuja atuação no território, de acordo com a coordenadora de projetos Raimunda Rodrigues, “visa fortalecer a governança florestal e a gestão dos recursos naturais, através de articulações institucionais, assessorias técnicas e administrativas, capacitações e facilitação de espaços de discussão”, celebra essa união de forças. “Essa é uma dimensão importante a se considerar, seja no campo da sociedade civil, com parceiras políticas que desenvolvem projetos aqui no Marajó, e parcerias com instituições importantes no território (Amam e Codetem). Contamos ainda neste projeto com um agente público, a Caixa Econômica. Juntos buscamos superar não somente os desafios imediatos, mas as questões estruturantes”, diz Maura Moraes.

É exatamente sobre essas questões que a Caixa Econômica Federal, segundo Alice Acioli, representante do Fundo Socioambiental do órgão, moldou sua participação no projeto. “A Caixa tem esse fundo em que direciona 2% do seu lucro líquido para projetos socioambientais e pensou que seria interessante um projeto para promover o desenvolvimento territorial do arquipélago de modo a complementar a atuação da Agência-Barco e promover também uma integração

entre os diversos atores da região”, explica Acioli.

Lançamento

O evento de lançamento do projeto ‘Embarca Marajó’, no município de Breves, no último dia 24 de fevereiro, reuniu mais de 80 participantes, além de contar com a presença da Agência-Barco da Caixa Econômica Federal, ancorada no município especialmente para o evento. Além disso, os prefeitos de Breves, Xarão Leão, e de Ponta de Pedras, Consuelo Castro – também presidente da AMAM– se mostraram não só receptivos ao projeto, como também vislumbraram a sua potencialidade no que concerne à melhoria da condição de vida no território, admitindo que a parceria é necessária.

“O Marajó está numa área de proteção ambiental, então dificilmente teremos grandes investimentos, como fábricas, montadora de carro, etc. Então, temos que ter alternativas diferenciadas, sustentáveis, para dar a este povo um merecido projeto de desenvolvimento que traga trabalho e renda às nossas populações”, disse Consuelo, no que foi acompanhada por Xarão Leão: “Nós precisamos enxergar o povo marajoara como ele é realmente, dar apoio ao povo tradicional, levar em consideração o ‘custo Marajó’, que atrapalha a vida dos gestores. Portanto, precisamos deste apoio, do governo federal, das instituições. O povo marajoara quer oportunidade e é isto que este projeto pode trazer”, afirmou. ■